



## DEZ ANOS DO NEABI DA UENF: PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS E OUTRAS POSSIBILIDADES NO COMBATE AO RACISMO ESTRUTURAL

*Maria Clareth Gonçalves Reis<sup>1</sup>*

*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, Laboratório de Estudos de Educação e Linguagem, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil.*

*Lilian Sagio Cezar<sup>2</sup>*

*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, Laboratório de Estudos de Educação e Linguagem, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil.*

*Waldelilo Santos de Melo<sup>3</sup>*

*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Programa de Pós-graduação em Políticas Sociais, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.*

*Eduardo Quintana<sup>4</sup>*

*Universidade Federal Fluminense, Departamento de Ciências Humanas,*

---

<sup>1</sup> Professora Associada do Laboratório de Estudos de Educação e Linguagem (LEEL) e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais (PPGPS/UENF); coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI/UENF). Associada ao GT 21 da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisas em Educação (ANPED) e integrante da coordenação da Área Científica “Quilombos, Territorialidades e Saberes Emancipatórios” da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN). E-mail: [clareth@uenf.br](mailto:clareth@uenf.br) ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5165-0239>

<sup>2</sup> Antropóloga. Professora Associada do Laboratório de Estudos do Espaço Antrópico (LEEA) e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais (PPGPS/UENF); vice-coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI/UENF); coordenadora da Unidade Experimental de Som e Imagem (UESI/UENF); pesquisadora e consultora científica do PEA Pescarte. E-mail: [lsagio@uenf.br](mailto:lsagio@uenf.br) ; ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8737-9946>

<sup>3</sup> Professor da Secretaria do Estado de Educação do Rio de Janeiro, Graduado em História pela UGB, Mestre em Relações Étnico-Raciais pelo CEFET e doutorando no Programa de Políticas Sociais da UENF. Integrante do NEABI-UENF. E-mail: [lilosmelo@gmail.com](mailto:lilosmelo@gmail.com) ; ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2814-2273>

<sup>4</sup> Professor Associado do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal Fluminense. Ogã do Ilê Axé Iyá Nassô Oká. Coordenador do BAKULO. Membro do NEABI/UENF. Conselheiro Municipal de Educação do município de Santo Antônio de Pádua, RJ. E-mail: [equintana@id.uff.br](mailto:equintana@id.uff.br) ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7845-3227>



*Santo Antônio de Pádua, RJ, Brasil*

Dia vinte de novembro  
Ouvi gritos pelos ares  
Acordai povo de Campos  
Salve Zumbi dos Palmares  
Salve Zumbi gente  
Quero ouvir  
Salve Zumbi gente  
Valeu Zumbi  
O Jongo caramba  
Está aqui

(Geneci Maria da Penha - Mestreira Jongueira Noinha, 2010).

O Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) constitui um grupo de estudos que há 10 anos se reúne para formar pessoas e qualificar o debate acerca das relações étnico-raciais com o intuito de promover ações de educação, intervenção social, buscando a transformação das estruturas de desigualdade para assim combater e superar o racismo. Nossas ações foram iniciadas a partir do reconhecimento local da importância da formação universitária para o atendimento às políticas públicas voltadas para a educação, em conformidade com o Art. 26-A da LDB 9394/1996 que trata da obrigatoriedade da inserção do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino públicos e privados e do Art. 79-B - que inclui no calendário escolar o dia 20 de novembro como data comemorativa ao Dia da Consciência Negra.

Ao longo desses dez anos de existência o NEABI/UENF vem também atuando para o cumprimento de leis de reparação histórica às agruras da escravidão a partir da inclusão, via cotas raciais na graduação e pós-graduação, de estudantes negros/as e indígenas. Nesse sentido, é importante ressaltar que a UENF e a Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, são pioneiras na implantação da política de cotas raciais no Brasil.

Outra importante iniciativa na trajetória do NEABI refere-se à implantação de comissões de heteroidentificação na entrada de estudantes que optarem pela autodeclaração racial (cor/raça). Por intermédio do NEABI, este diálogo foi iniciado no dia 08 de abril de 2022, sendo acolhido pela Reitoria, pela Pró-Reitoria de Extensão e



Assuntos Comunitários e pelas Assistentes Sociais.<sup>5</sup> Os próximos passos estão sendo organizados, já com previsão da realização de um curso, no início do segundo semestre deste ano, com o objetivo de promover a formação sobre relações étnico-raciais no Brasil, no contexto das Comissões de Heteroidentificação, às pessoas interessadas em atuar nas bancas.

Estamos também atentos/as quanto às mais diversas formas de racismo que se manifestam na fala, olhares, piadas, nas atitudes e também na ação estrutural de instituições públicas, contribuindo com a reprodução e perpetuação das desigualdades de oportunidade, acesso, renda, escolaridade, visibilidade que atinge, principalmente, negros/as e indígenas no Brasil. No início da pandemia da Covid-19 em 2020, que afetou principalmente a população periférica e negra brasileira, o NEABI foi responsável pela arrecadação, organização e distribuição de cestas básicas que contemplaram aproximadamente 60 famílias do bairro Donana, periferia de Campos dos Goytacazes/RJ.

Atuamos em rede, ou seja, o NEABI faz parte da Rede Nacional de NEABs, então chamado de Consórcio Nacional dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros do Brasil (CONNEABs), ligado à Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN). Contamos ainda com a parceria de colegas do Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert (ISEPAM), do Centro Universitário Fluminense (UNIFLU), do Instituto Federal Fluminense (IFF), da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) Campos, além de colaboradores/as da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), UERJ, dentre outras instituições. Também buscamos mobilizar a comunidade local e expressar publicamente repúdio a todo e qualquer expressão de racismo, presencial ou virtual.

Nossas produções se concretizam em pesquisas, oferta de disciplinas que tratam da Educação para as Relações Étnico-raciais aos cursos de licenciaturas da UENF, tais como cursos presenciais de Licenciatura em Pedagogia e em Biologia, buscando incidir na formação de novos/as professores/as, uma vez que a escola é um dos espaços de reprodução das estruturas sociais da sociedade. Além da inserção da disciplina de caráter obrigatório nas licenciaturas de Pedagogia e Biologia presenciais, o Programa de

---

<sup>5</sup> Nesta reunião, a Reitoria e a Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários confirmaram que já almejavam iniciar esta discussão na universidade.



Pós-Graduação em Políticas Sociais (PPGPS) da UENF também oferece disciplinas que discutem as Relações Étnico-Raciais, abordando, inclusive, as potencialidades do uso da imagem para investigar e visibilizar expressões culturais e patrimônios imateriais afro-brasileiras e indígenas em diálogo com as Políticas Sociais.

Como fruto destas disciplinas e de orientações de professores/as do PPGPS foram geradas pesquisas de mestrado e doutorado que serão compartilhadas por meio de artigos publicados neste dossiê. Este diálogo estabelecido entre o NEABI, o Programa de Políticas Sociais e o Curso de Pedagogia, fortalecem a compreensão das relações étnico-raciais no Brasil e, ao mesmo tempo, fortalecem o entendimento da necessidade da (in)formação para o combate ao racismo estruturado na sociedade como um todo. O NEABI/UENF estende suas ações por meio de parceria com a Unidade Experimental de Som e Imagem (UESI) e com o Grupo de Estudos e Práticas Musicais (GEPMU) que, também, possibilita a construção de acervo audiovisual de ações e investigações realizadas pelos grupos, buscando a democratização dos nossos resultados de pesquisa.

Este número especial da Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as é resultado de contribuições teórico-metodológicas, compartilhamento de trajetórias e relatos de experiências que são frutos ou se articulam às participações do NEABI/UENF ocorridos desde a sua fundação em 2012, priorizando tanto os eventos realizados em comemoração aos aniversários do Núcleo (2013-2021) e encontros da Rede de Conversas (2020-2021), quanto às ações de pesquisa e extensão universitária. Para melhor acompanhamento das nossas produções, apresentaremos os textos que irão compor este dossiê.

O relato de experiência escrito por Maria Clareth Gonçalves Reis & Lilian Sagio Cezar faz uma abordagem sobre “**O Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e o combate ao racismo**”. Neste relato, as autoras descrevem aspectos importantes das experiências acumuladas desde a sua fundação em março de 2012, priorizando os eventos comemorativos relacionados aos aniversários do NEABI realizados entre 2013 e 2021, compreendidos, também como espaço de formação no âmbito das relações étnico-raciais e no combate ao racismo, instituído estruturalmente, em nossa sociedade. Nesse sentido, Maria Clareth e Lilian Sagio discutem os conceitos de racismo estrutural e



racismo institucional nas concepções da autora Grada Kilomba e do autor Silvio Almeida.

As autoras reforçam ainda a importância de o NEABI integrar-se à Rede Nacional de NEABs, então chamado de Consórcio Nacional dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros do Brasil (CONNEABs), ligado à Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN). Essa inserção no CONNEABs tem sido fundamental para o aprimoramento das ações desenvolvidas pelo NEABI nestes dez anos de sua existência, especialmente, por ser uma rede de apoio, de parcerias e de formação teórica e metodológica no âmbito das relações étnico-raciais.

Ao concluir o texto, ambas confirmam o quanto o NEABI-UENF tem sido um espaço importante de (in) formação e inserção na luta antirracista, no combate ao racismo estrutural e institucional, não somente na universidade na qual está inserido, mas nas regiões Norte e Noroeste Fluminense.

Produzido por Otair Fernandes, Giovane Nascimento e Cléa Leopoldina Moraes, o propósito principal do artigo “**O samba não tem uma nota só: aprendendo com o samba**” é promover reflexões sobre a importância do samba como instrumento didático-pedagógico no âmbito de uma educação para as relações étnico-raciais. Apresenta uma amostra de implementação da Lei 10.639/2003 e suas diretrizes curriculares nacionais de forma a ressaltar aspectos relevantes do samba como cultura negra e diaspórica. Os autores descrevem e analisam o samba como cultura de resistência e afirmação social dos negros na sociedade brasileira, para além de gênero musical, no contexto das práticas culturais diaspóricas com características comuns a outras músicas negras. Destaca também o protagonismo das mulheres como parte do processo de reprodução dos ensinamentos e valores que se fazem presentes através da oralidade.

Escrito por Abílio Maiworm-Weiand, o artigo intitulado “**Fotografia e imagem digital: algumas reflexões ontológicas e implicações no trabalho de campo**”, analisa algumas características imanentes da fotografia e da imagem digital e suas implicações como instrumento de pesquisa nas ciências sociais. Dividido em duas partes, o autor apresenta inicialmente uma discussão que permite compreender fotografia e imagem digital como elementos ontologicamente distintos. Na segunda parte do artigo, uma fotografia produzida na Comunidade Quilombola Chacrinha dos Pretos, em Belo Vale,

Minas Gerais, é utilizada para embasar a discussão sobre dados de pesquisa e as implicações de uma produção fotográfica e digital no trabalho de campo.

O artigo **“Formação Docente e Literatura Infantil: intervenções e pesquisas do Literêtura”**, escrito por quatro autoras, Débora Cristina de Araujo, Sonia Dalva Pereira da Silva, Daniela dos Santos Alacrino e Amanda Ribeiro de Almeida, apresenta as ações e intervenções realizadas pelo Grupo de estudos e pesquisas em diversidade étnico-racial, literatura infantil e demais produtos culturais para as infâncias, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), nomeado *LitERÊtura*. Inspiradas pelo aniversário de 10 anos do NEABI-UENF, as autoras discutem sobre os cursos de formação continuada e analisam pesquisas desenvolvidas no *LitERÊtura* que enfocaram famílias negras na literatura infantil e o PNLD Literário. Os resultados demonstram o quanto núcleos e grupos de pesquisas engajados com a educação antirracista têm fomentado significativas transformações educacionais nos últimos anos.

O artigo **“Literatura infantil e reflexões antirracistas no cotidiano da primeira infância”**, escrito pelas autoras Samara da Costa Rosa, Sara da Silva Pereira e Lucimar Rosa Dias, traz reflexões sobre práticas antirracistas por meio da apresentação de artefatos culturais africanos e afro-brasileiros para crianças da Educação Infantil. As autoras apontam o livro como um importante artefato que possibilita este trabalho. Ao discutirem a literatura como um artefato cultural, afirmam a capacidade desta em fortalecer um ambiente antirracista contribuindo para que crianças negras se percebam representadas, elevando a autoestima, e para que as crianças brancas reconheçam e valorizem a diferença, rompendo com as estruturas da branquitude normativa.

**“Infância afrodescendente / infância de terreiro: vivência e escuta sensível como possibilidade de diálogo”** é resultado da palestra intitulada “Infância em Terreiro”, proferida por Jaqueline de Fatima Ribeiro e mediada por Eduardo Quintana, no projeto *Rede de Conversas*, organizado pelo NEABI/ UENF no mês de outubro de 2020. O texto aborda os conceitos de vivência em Vigotski e de escuta sensível, segundo a experiência de Reggio Emilia como contribuição relevante para o campo da Educação e das Relações Étnicas, e para o campo da infância. Esse olhar permite diferentes possibilidades metodológicas que ampliam o diálogo com a criança afrodescendente, com a criança de Terreiro, com a escola.

A proposta de Roselée Aparecida dos Santos Oliveira em seu texto “**Outras Histórias: prática docente e promoção da Lei 11.645/08 na Rede Pública Municipal de Angra dos Reis**”, consiste em mostrar as ações em promoção à Lei 11.645/08 em sala de aula realizadas em uma escola pública municipal, localizada em um dos bairros mais numerosos da periferia de Angra dos Reis. O projeto “*Outras histórias*” permite às/ aos alunas/os o acesso às histórias e culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas, estimulando e provocando assim, nas crianças a percepção da diversidade e, sobretudo, sua valorização. O Projeto em questão foi apresentado na *Rede de Conversas* promovido pelo NEABI/UENF em 2020. O texto destaca o objetivo da autora e professora de aguçar não somente o gosto pela leitura, mas também instigar histórias com protagonismos indígena e negro, ainda não tão comuns no universo escolar, apesar de ser de extrema urgência dada a relevância do mesmo na construção de uma educação antirracista.

No artigo “**A poética feminina negra na literatura infantil e juvenil: Arte e vida**” as autoras Ester Mascarenhas dos Santos e Maria Clareth Gonçalves Reis refletem sobre a temática do combate ao racismo e das relações étnico-raciais a partir das obras literárias infantis de cinco autoras negras. Elegendo a especificidade do ponto de vista e condição dessas escritoras e pesquisadoras do campo da Educação e Literatura enquanto mulheres negras, o texto busca analisar as estratégias de representação de mundo, abordagem estética e expressão artística de suas obras em sua capacidade de construção, visibilização e dignificação de identidades negras. As contribuições dessas autoras negras dialogam diretamente com as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, que exigem uma necessária revisão e ampliação epistemológica e estética dos processos de educação escolar.

O texto, intitulado “**Percursos formativos de uma intelectual negra a partir do NEABI (UENF)**”, construído, em primeira pessoa, por Viviane Ramiro da Silva Martins problematiza as assimetrias geradas pelo racismo e pelo sexismo na sociedade brasileira, em destaque, nos ambientes que perpassam a sua trajetória. Viviane Ramiro traz reflexões importantes sobre questões referentes ao processo formativo de uma intelectual negra em uma perspectiva da Educação para as Relações Étnico-Raciais. Este artigo foi resultado das experiências profissionais e acadêmicas da autora, cujo



objetivo principal é ressaltar as possibilidades e os desafios de uma educação antirracista a partir da implementação da Lei n.º 10.639/2003 nas instituições de ensino brasileiras.

O artigo **“Relações Étnico-Raciais em Produções Acadêmicas sobre Angra dos Reis, RJ”** é um recorte da tese de Waldelilo Santos de Melo, orientada por Maria Clareth Gonçalves Reis. O texto é também elaborado em colaboração com Silvia Martinez e está articulado aos debates do NEABI/UENF. O autor e as autoras trazem um debate sobre as relações étnico-raciais para a compreensão da estrutura do pensamento social brasileiro e a fim de embasar a construção de políticas públicas antirracistas.

Sendo um artigo do tipo *“Estado da Arte”*, traz como objetivo analisar produções acadêmicas mapeadas a partir do Banco de Teses e Dissertações da Capes e compreender a disposição do debate sobre as relações étnico-raciais em Angra dos Reis, litoral sul do Rio de Janeiro. Este tipo de produção acadêmica auxilia o mapeamento das referências de pesquisas finalizadas, provocando pressupostos investigativos. A conectividade em rede das pesquisas possibilitou ao autor e às autoras a composição de um *corpus* de análise compreensível. Como resultado de análise identificaram a representatividade política dos movimentos de resistência étnico-raciais, as urgências que afetam o cotidiano de populações racialmente excluídas do processo democrático.

**“Os Coletivos de Estudantes Negros/as e a luta contra as hegemonias do saber nas universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro”** é um artigo construído a partir de dados da pesquisa da dissertação de Lia Keller Ferreira da Costa, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais - UENF, sob a orientação da professora Dra. Maria Clareth Gonçalves Reis. A autora nos fornece uma reflexão sobre a relação entre o surgimento dos Coletivos de Estudantes Negros/as nas universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro e o atravessamento dessas instituições por outras formas de percepção sobre as formações profissional e científica.

No texto **“Entraves e perspectivas do ensino da cultura afro-brasileira e indígena nas escolas: questionamentos a partir da experiência de professora indígena”**, Sandra Benites, indígena *Guarani Nhandewa*, apresenta sua experiência como coordenadora pedagógica junto à rede de ensino de Maricá, RJ contrastada às especificidades de seus conhecimentos e modos de vida Guarani. O referido texto surge





a partir da conferência proferida pela professora indígena durante o IV Aniversário do NEABI-UENF (29 e 30/07/2016). A autora descreve, de forma afetuosa e crítica, os desafios enfrentados em sua trajetória como professora. Sandra Benites analisa ainda as potencialidades e os desafios do agenciamento da Lei 11.645/2008 frente ao racismo e histórico preconceito contra os povos indígenas no âmbito escolar.

Ela discute ainda a emergência da demarcação de suas terras, além de apontar os avanços e desafios da educação escolar indígena. De forma criativa, no decorrer do texto a autora faz vários questionamentos a partir de suas reflexões, como por exemplo: “nossos costumes estão intimamente ligados a elementos que estão ao nosso entorno, isto é, com a natureza. E pergunto: isso é bom para os fazendeiros?” Para saber a resposta, fica aqui o convite à leitura do relato de Sandra Benites.

O relato de experiência de Marcus Vinicius dos Santos Cunha **“Experimentando o Design Gráfico como linguagem de uma narrativa identitária e afirmativa”** visa relatar e discutir a experiência do autor na elaboração da identidade visual para o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas - NEABI/ UENF. O autor parte da premissa de que o *design* gráfico é linguagem e, portanto, compõe a construção narrativa do próprio NEABI/UENF. A perspectiva abordada pelo autor é articulada ao referencial teórico-metodológico do *Design Thinking*. Ao longo de seu relato, Marcus Cunha propõe aplicações transversais entre *design* e políticas afirmativas como metodologia de comunicação popular e uma política de afirmação social.

O texto **“Olhares África-Brasil e NEABI/UENF: (re) educando para as relações étnico-raciais”** busca relatar a trajetória da parceria entre o NEABI/UENF e o projeto *“Olhares África-Brasil”*, que acabou produzindo metodologias de abordagem para a luta antirracista. Criado em 2012, o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI), da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), representa um marco na aproximação entre a universidade e a sociedade no município de Campos dos Goytacazes no Norte do Estado do Rio de Janeiro. Desde sua fundação, o NEABI/UENF esteve em constante diálogo com outras instituições, com destaque neste relato de experiência para o Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert (ISEPAM) através do projeto OLHARES África-Brasil. Vera Lúcia Vasconcelos, Samara Moço Azevedo e Sérgio Arruda de Moura evidenciam a importante tarefa que a escola tem no combate ao racismo e na (re) educação das



relações étnico-raciais. O OLHARES e o NEABI atuam com base em alguns dispositivos legais, sobretudo a Lei 10.639/2003.

O relato de experiência de Elielma Ayres Machado e José Hélio de Brito aborda o processo de institucionalização das políticas de ação afirmativa, no Rio de Janeiro e, a efetivação de procedimentos para o acesso e permanência de estudantes ingressantes por reserva de vagas - cotistas - na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) desde as primeiras leis e o primeiro vestibular realizado em 2003 até os dias atuais. **“Ação afirmativa na UERJ, desafiando as "cotas raciais": relato de experiência”** é um texto que demonstra a eficácia e vicissitudes das políticas públicas voltadas para as ações afirmativas. Compreende a complexidade que envolve a escolarização de forma ampla e, o acesso e permanência no ensino superior na sociedade brasileira.

O relato de experiência que trata da **“Importância das ações afirmativas no enfrentamento da Pandemia de Covid-19 pelos povos indígenas no Brasil: reflexões sobre organização social e combate ao racismo estrutural”**, do autor Felipe Sotomaior Cruz, indígena do Povo Tuxá, é fruto de sua participação, como palestrante, no VIII Aniversário do NEABI-UENF (19/11/2020). Com muita sensibilidade e senso crítico, Felipe Tuxá apresenta reflexões sobre a importância das Ações Afirmativas. Em especial a Lei de Cotas Raciais na formação universitária de indígenas que atuaram diretamente na linha de frente do combate à pandemia.

Na primeira parte do texto, Felipe Tuxá trata da Pandemia de Covid-19 e da inação do governo do presidente Jair Bolsonaro para resguardar o direito básico à vida da população brasileira, destacando em sua abordagem “que no presente existe muito viva na memória dos povos indígenas os efeitos devastadores que essas epidemias causaram ao longo dos séculos”. Diante disso, descreve estratégias criadas pelos povos indígenas, mobilizações midiáticas, como formas de organização social e resistências específicas para cobrar medidas de políticas sociais junto ao Ministério Público e ao Supremo Tribunal Federal. Na segunda parte do texto, Felipe Tuxá apresenta reflexões sobre a importância das Ações Afirmativas, em especial, da Lei de Cotas Raciais na formação universitária de indígenas que atuaram diretamente na linha de frente do combate à pandemia de Covid-19. No período de organização deste dossiê tivemos a excelente notícia sobre a aprovação de Felipe Tuxá no concurso público para professor

da Universidade Federal da Bahia (UFBA), tornando-se o primeiro professor indígena desta instituição.

O relato de experiência intitulado **“Nos laços da representatividade com a equipe encresCampos: narrativas e memórias de um movimento social”** apresentado por Adriana Pereira Santiago, Eliédima Pires Duarte e Marwyn Soares de Souza, trata de um movimento social surgido na cidade de Campos dos Goytacazes, no interior do Estado do Rio de Janeiro, que iniciou como um grupo de mulheres que desejava discutir e criar uma rede de apoio para a valorização da autoestima e autoimagem de mulheres pretas. Mas que ao longo do tempo conquistou narrativas, espaços políticos, deixou marcas simbólicas, reais em toda a cidade ao compartilhar experiências de racismo, de vivências que atravessam esses corpos.

Ao descrever sobre a autoimagem e a autoestima de mulheres negras voltadas à estética – com foco no cabelo, que depois contemplou também homens negros, os/as autores/as destacam o movimento *EncresCampos* como espaço de afirmação da estética negra partindo da memória de participantes que relatam o doloroso processo de alisamento dos cabelos crespos e cacheados, o uso de produtos químicos e de aparelhos, como ferro quente para alisar os cabelos como alternativas de beleza. Diante disso, o movimento surge com o “propósito de desconstruir e construir outras possibilidades fora dessas lógicas hegemônicas (racista)”. O texto é instigante e traz reflexões importantes acerca dos padrões ideais de beleza ainda vigentes na sociedade como um todo.

O relato apresentado por Suliete Gervásio Monteiro, indígena do *Povo Baré*, denomina-se **“Ações afirmativas, lei de cotas e permanência de indígenas nas universidades públicas: desafios e possibilidades”** e é fruto da conferência proferida pela pesquisadora-indígena durante o XI Aniversário do NEABI-UENF (de 03 à 10/11/2021). A autora traz importantes reflexões a partir de suas vivências na Universidade de Brasília (UnB) e de sua trajetória formativa em escola indígena. Suliete apresenta os desafios enfrentados tanto para o acesso como para a sua permanência nesta universidade pública. Ela destaca os preconceitos, a falta de incentivo e de acesso a outras políticas públicas diante das demandas específicas dos povos indígenas e populações tradicionais.

Apesar da importância das políticas de reparação e acesso às cotas étnico-raciais nas universidades, o texto permite refletir sobre os desafios e potencialidades da presença de estudantes indígenas, das trocas de conhecimentos e enfrentamento ao racismo estrutural na arena educacional e política. Outro aspecto relevante destacado pela autora refere-se ao processo de estar na universidade, pois, para ela “é também um meio de luta pelos nossos direitos, para adquirir e valorizar nossos conhecimentos”. Por fim, Suliete Monteiro reafirma a defesa das políticas de ações afirmativas e pela permanência da Lei de Cotas, pois a presença de indígenas nas instituições universitárias possibilita a aquisição de conhecimentos acadêmicos que poderão contribuir com a defesa de seus direitos, enquanto povos indígenas.

**“Educação antirracista e deslocamento epistemológico: práticas curriculares de professoras negras – relato de experiência”** conforme o título destaca, relata as experiências protagonizadas por mulheres negras, que têm na docência, desde os anos iniciais da educação básica até a pós-graduação, a proposição de uma agenda antirracista. Célia Cristo e Claudia Miranda consideram os deslocamentos epistemológicos na perspectiva de redes colaborativas/formativas e assim, a africanização enquanto dimensão a ser absorvida, como constitutiva da resistência anticolonial e antipatriarcal. Observam como as redes comunitárias da América Latina estão orientadas por pressupostos da Amefricanidade e, assim, se convertem em referências nas bases das suas respectivas sociedades. No contato com essas redes reconhecem a capilaridade de uma formação docente baseada em princípios fortalecidos com a adesão de interlocutoras situadas em diferentes territórios.

Samara Moço Azevedo, Waldelilo Santos de Melo e Lucas dos Santos da Silva relatam a experiência do Projeto *Rede de Conversas* desenvolvido pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas - NEABI/UENF. Com a finalidade de promover diálogos acadêmicos descontraídos durante a pandemia, o NEABI realizou encontros virtuais intitulados de Rede de Conversas, entre os anos de 2020 e 2021. Assim, **“Rede de Conversas: o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da UENF durante a pandemia da Covid-19”** tem o objetivo de detalhar a organização desse projeto desde a sua construção até os resultados observados ao longo do biênio 2020 - 2021.

Para concluir esse dossiê, Maria Stella Tó apresenta a entrevista intitulada **“III Aniversário do Neabi: Uma homenagem à voz do tambor de Noinha do Jongo”**.



Dona Geneci Maria da Penha, mais conhecida como Mestreira Jongueira Noinha, é reverenciada nessa entrevista como matriarca do NEABI-UENF. Sua participação desde a fundação do núcleo foi imprescindível para orientar e guiar este grupo de pesquisadores na compreensão do jongo enquanto expressão cultural afro-campista. Com ela foi possível aprender mais sobre o protagonismo feminino negro. Essa mulher guerreira que além de mãe, avó e bisavó de uma grande e festiva família, é também enfermeira aposentada, mestreira jongueira, zeladora de santo, atuou como integrante do Conselho da Mulher, Conselho da Saúde, tem expressiva participação nos movimentos sociais e democráticos locais e atuou como bolsista da Universidade Aberta em projeto de extensão articulado ao NEABI-UENF. A mestreira é exemplo e inspiração deste núcleo, seus tambores nos colocam numa mesma vibração e nos contam tanto da violência da escravidão como da ginga e de como aprender a reconhecer e se defender dos inimigos comuns, o que é muito importante, nos momentos de crise.

Gostaríamos de agradecer aos/às pareceristas, colaboradores/as, autores/as, transcritores/as, tradutores/as, editores/as e aos membros das equipes do Conselho Editorial, Conselho Consultivo e Diretoria da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as, pelo acolhimento da proposta e incentivo constante para a publicação e visibilização de discussões sobre relações étnico-raciais no país.

Desejamos uma ótima leitura!